

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário Popular

Class.: 49

Data: 11.07.84

Pg.: _____

Comportamento social dos Caiapós analisado na SBPC

Em atividade paralela à 36.a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, foi realizada ontem, às 10,30 horas, na Cidade Universitária (prédio de Engenharia Civil da Poli), uma coletiva à imprensa com índios Kayapó e alguns especialistas de várias áreas que estão desenvolvendo um estudo sobre a tribo.

Este estudo teve início no ano de 1977, quando o antropólogo e etno-biólogo Darrel Addison Posey, da Universidade Federal do Maranhão, começou a conviver com os Kayapó na tentativa de recuperar crenças, hábitos, costumes, enfim, todo o tipo de conhecimento produzido pela tribo. Sentindo necessidade da contribuição de outras áreas da Ciência para aprofundar suas pesquisas, Darrel convidou 14 especialistas para participarem do projeto de estudo, entre eles botânicos, ecólogos e zoólogos.

Esta é a segunda vez que os índios Kayapó participam de um debate do gênero. A primeira foi em fevereiro deste ano, quando estiveram presentes em um simpósio promovido pelo 11.o Congresso de Zoologia, em Belém do Pará. Segundo Eliane Elisabetsky, etno-farmacóloga da Universidade Federal do Pará, há a necessidade de se preservar o conhecimento natural e a cultura dos Kayapó, "mesmo porque a nossa civilização tem muito a aprender com eles". Vários trabalhos já foram publicados sobre o tema, mas a idéia dos pesquisadores é juntá-los em um só livro.

INSETOS SOCIAIS

A tribo Kayapó conta com aproximadamente 2.600 índios, divididos em treze aldeias localizadas no sul do Pará, Mato Grosso e Parque Nacional do Xingu, sendo que a aldeia Gorotire é a mais populosa, com cerca de 600 habitantes. De acordo com o biólogo João Camargo, da Universidade Federal do Maranhão, é importante levar em conta como o processo de conhecimento surge e se fixa em uma determinada população. "Na verdade, esta é uma questão da teoria evolutiva, visto que estudando qualquer etnia podemos notar que o conhecimento surge porque tem um valor adaptativo, e se fixa porque apresenta vantagens, também adaptativas" — disse Camargo.

Entretanto, a sua exposição deixou bem claro que, estudando a tribo Kayapó, teve a preocupação de relevar a teoria evolutiva sob o prisma da biologia, abrindo assim caminhos para novos trabalhos. Ou seja: em suas pesquisas, João Camargo percebeu que os insetos sociais, principalmente as abelhas, têm grande importância epistemológica na vida daquela população. Segundo ele, os Kayapó conhecem cerca de 60 espécies de abelhas sem ferrão (as chamadas abelhas sociais) e é interessante perceber co-



Índios Kaiapó defenderam a preservação de suas terras

mo a estrutura social da aldeia, a divisão de trabalho, ou por exemplo o sistema de defesa frente a um perigo segue, por mecanismos de associação mental, o modelo natural de organização dos insetos sociais e, em primeira instância, das abelhas.

"Entre os Kayapó há aqueles que são especialistas em abelhas, chegando a conhecê-las pelo cheiro. Podemos observar ainda que, além do valor utilitário para a tribo — como extração de mel, pólen, resinas e larvas que são comidas — a estrutura da aldeia é circular, como se fosse um favo de ninho de abelhas ou vespas, e seu comportamento de defesa é rápido e em massa, lembrando a reação das abelhas quando atacadas" — concluiu o biólogo.

PLANTAS MEDICINAIS

Com relação à utilização de plantas com valor medicinal, Eliane Elisabetsky explicou que para os Kayapó o diagnóstico é muito mais importante que o próprio medicamento e, diferentemente de outras tribos, os pajés não necessitam do "transe" para receitar o tratamento. Mesmo assim, sabem muito bem como receitar, pois desenvolveram uma determinada psicologia, ou modo de usar e preparar, para cada tipo de planta. "Algumas são usadas para fazer chá, outras para cheirar e outras ainda para passar no corpo, dependendo da doença da pessoa" — arrematou Eliane.

Para os Kayapó, há oito categorias de doenças, quase todas com nomes de animais, ou porque são causadas diretamente por eles, ou porque estão de uma forma ou outra relacionadas, como é o caso de uma comida infectada por uma determinada caça ou "espírito da caça", que causa certo tipo de doença. Assim, na tribo, há pajés especialistas em doença do peixe, outros em doença do escorpião, e assim por diante. Há ainda outra clas-

se de doenças que adquirem nomes dos animais, que é nada mais nada menos que o nosso popular reumatismo. Ela tem este nome devido às características do jabuti, que se locomove como se fosse um reumático.

Em suma, para todas as doenças há uma planta indicada e doença de planta se cura com outra planta, e não com inseticidas. "A medicina para eles é muito elaborada, ensinada de pai pra filho, e por isso devemos preservar suas crenças; já coletamos nessa tribo umas 250 espécies vegetais com reputada ação terapêutica" — assinalou Eliane. Das plantas pesquisadas, 70% são utilizadas pelos índios como remédio, 40% servem como atração de caça e 25% como alimento.

DEMARCAÇÃO

Segundo o cacique Kanhok, antigamente o índio caçava, extraía mel e colhia fruta sossegado. Mas desde que o branco chegou em suas terras, os problemas começaram. "O madeireiro vem e tira a madeira, o fazendeiro estraga a mata, o garimpeiro, suja a água (o cacique diz isso com relação ao Rio Fresco, afluente do Xingu, que passa em frente à aldeia e está totalmente poluído pela atividade do garimpo do projeto Cumaru)". E completa, indignado: "Onde o índio vai caçar, vai encontrar peixe, vai beber água?"

Continuando o seu protesto, e apelando para a Funai, o cacique diz que o índio nunca vai fazer roça na cidade e nem vai entrar na terra do fazendeiro. "Índio tem terra dele e a terra tem que ficar demarcada porque branco toma a terra dele. Funai tem que acordar para demarcação da terra do Kayapó e de todo índio, pra não ter dor de cabeça pra todo mundo" — finalizou.